

A esquerda procura seu nome

A campanha eleitoral acaba hoje, nas ruas e na TV, ainda inteiramente indefinida quanto ao representante da esquerda no segundo turno. Não só da intuição frente à boca da urna vai depender a escolha do adversário de Fernando Collor no segundo turno, mas de fatores tais como o voto de protesto daqueles que se julgaram ofendidos pelas autoridades judiciárias com a impugnação de Sílvio Santos. Esses votos poderão ir para Lula, pelo efeito polarização, já que ofendido não diz muito obrigado. Para ir logo às últimas consequências, o povão que vota protesto poderá escolher logo o que mais temor infunde às classes dominantes, aí compreendidos Governo, empresários, patrões indigestos e juízes eleitorais. Lula seria o herdeiro de um voto que em cerca de 41 por cento flutua entre a indecisão e a represália.

O candidato mais favorecido, Fernando Collor de Mello, será o adversário de uma esquerda sem nome, rosto ou perfil ideológico definido ainda. Para ele, seria mais adequado e vantajoso enfrentar Leonel Brizola, pois uniria o rancor à emulação. Brizola é para Collor o outro lado da política, o velho e arcaico artesão que não consegue formar uma equipe em torno de si.

O candidato do PRN não gostaria de ter Lula como seu adversário, por respeito e intuição. Collor, em sua análise, compreende que Lula é uma solução, não uma candida-

tura somente. Empresários e até integrantes do sistema do poder já admitem um País governado pela Frente Brasil Popular, embora tenham torcido o nariz diante do último manifesto da CUT. O **establishment** está certo de que poderá absorver Lula e inseri-lo em regras de comportamento do sistema dominante. Aparentemente, o candidato sinaliza à classe do poder que está apto a aceitar essa transformação.

Já o candidato Mário Covas seria um desastre para Fernando Collor no segundo turno. Enfrentaria o adversário no próprio campo de luta do centro, mas, dos dois, Covas teria melhor imantação para atrair os votos úteis de toda a esquerda e ainda parte do centro-direita. Collor deve rezar para que tal adversário não se poste diante de si, com sua cara de amigo de todos os amparados e desamparados. O candidato do PRN ainda terá de cuidar para que seus ataques ao presidente Sarney não façam voltar contra sua candidatura o sentido de pena e remorso da Nação. Ele será o único a levar para o segundo turno o enfrentamento bélico com o atual poder. Lula, ao contrário, parece ter aprendido todas as lições, a primeira das quais, a de não hostilizar um inimigo batido, despertando-o para novos combates. Mário Amato, por estas horas, já deve estar achando-o tão simpático a ponto de prometer-lhe trazer 800 mil empresários para investir no novo Eldorado da estrela.